

19

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

ABR 2026

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

19

ABRIL

2026



ÍNDICE

EDITORIAL	07	Cláudia Maio, Ana Rita Silva, Tiago Nunes, Rita Dias, Lucy Shaw Evangelista A POPULAÇÃO DE VILA NOVA DE PORTIMÃO DO SÉCULO XVI-XVII: OS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DO ADRO DA IGERJA DA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	63
Rui Ramos ANTA 2 DO ZAMBUJAL (MONTEMOR-O-NOVO): RESULTADOS DA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA	09	Victor M. Gonçalves González, Raquel Fernandes ENTRE MUSEOGRAFIA E CONSERVAÇÃO: DESMONTAGEM DE SISTEMAS EXPOSITIVOS RÍGIDOS EM PAINÉIS DE AZULEJARIA ISLÂMICA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN	71
António Carlos Valera O RECINTO DE FOSOS DE SÃO BRÁS 3 (SERPA) E O SEU CONTEXTO PERIFÉRICO À LUZ DAS ESCAVAÇÕES DE 2025 (PROJECTO <i>NUCLEUS</i>)	15	Joana Fanico, Patrícia Mestre ENTRE ESTÉTICA E MATÉRIA: UMA INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO NO TETO DO SALÃO NOBRE DO PALÁCIO MARQUÊS DE POMBAL	79
Helena Gomes, Ana Rita Silva, Manuel Fialho Silva Rita Dias, Lucy Shaw Evangelista VESTÍGIOS DE UMA POSSÍVEL NECRÓPOLE ISLÂMICA NO NÚCLEO HISTÓRICO DE LAGOS: DADOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS	33	Mara Beatriz Agosto AGAINST (A SOLELY) HUMAN PAST: DEEP ECOLOGY AND ITS CONSEQUENCES FOR ARCHAEOLOGICAL THOUGHT IN A MULTISPECIES ANTHROPOCENE	89
Anabela Sá, Ever Calvo CASTELO E FORTALEZA DE JUROMENHA: UMA PRIMEIRA ABORDAGEM À INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ÂMBITO DO PROJECTO DE CONSERVAÇÃO, RESTAURO E RECONSTRUÇÃO DAS SUAS MURALHAS	43		
Cláudia Maio, Diana Dinis, Lucy Shaw Evangelista UM CASO DE AMPUTAÇÃO NA RUA ANTÓNIO LOURO, SÃO DOMINGOS DE RANA	57		



EDITORIAL

*“Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar.”
[Cantata da Paz, Sophia de Mello Breyner Andresen]*

Dizia há tempos Slavoj Žižek que nos estamos a colocar à margem dos processos de investigação, escrita e leitura. Sublinhava que cada vez mais se vai pedindo à Inteligência Artificial (IA) que faça a recolha e análise de dados, que escreva o artigo, para que alguém a seguir, em vez de o ler, lhe peça para fazer um resumo do mesmo. Em suma, vamos abreviando e paradoxalmente exteriorizando às nossas produções. A uma “morte do autor” (que não a de Roland Barthes) junta-se agora também a morte do leitor. Ou melhor, autor e leitor são o mesmo.

Também há dias José Pacheco Pereira, no Público, distinguia uma velha ignorância, baseada na insuficiente escolaridade e baixa qualificação profissional, de uma nova ignorância, de gerações escolarizadas, mas iludidas e progressivamente desumanizadas pelo fascínio tecnológico de contornos patológicos. Um pouco antes, académicos reclamavam a expulsão da IA do ensino universitário.

Do outro lado a visão oposta. “Artificial intelligence (AI) is changing the research landscape through automation, data analysis, and better decision-making in various ways that are of immense help to researchers in conquering obstacles and accelerating their discoveries. From literature search to data analysis, to design experiments and manuscript writing, AI-powered tools using robotics, machine learning (ML), and natural language processing (NLP) go a long way in facilitating easy research. Technology enhances efficiency by summarizing articles, recommending publications, and pointing researchers in the right path. [...]. Training and supporting policies are needed for skill shortages and to surmount resistance to change in order for full utilization of AI in research.” (Madanchian, M.; Taherdoost, H., 2025, The impact of artificial intelligence on research efficiency, Results in Engineering, 26).

É fácil ver vantagens imediatas na IA, sobretudo ao serviço do mais, mais depressa, mais eficiente, mais barato. No entanto, programas internacionais de avaliação de conhecimentos estão a registar, desde 2010, um declínio na nossa capacidade de utilizar competências cognitivas, com uma erosão do raciocínio, da memória e da concentração provocada pela submissão tecnológica.

António Carlos Valera

A POPULAÇÃO DE VILA NOVA DE PORTIMÃO DO SÉCULO XVI-XVII: OS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DO ADRO DA IGREJA DA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.

Cláudia Maio¹
Ana Rita Silva¹
Tiago Nunes¹
Rita Dias^{1,2}
Lucy Shaw Evangelista^{1,2,3}

Resumo:

Na sequência do colapso de um dos muros de suporte do adro da Igreja Matriz de Portimão e da identificação de vestígios osteológicos, foram executados trabalhos arqueológicos, nomeadamente uma sondagem de diagnóstico. Esta intervenção teve como principais objetivos caracterizar os contextos associados aos restos humanos identificados, de modo a permitir a reconstrução do muro do adro.

Os resultados revelaram a existência de parte do antigo cemitério da Igreja Matriz de Portimão, evidenciando uma intensa utilização do espaço de necrópole entre os séculos XVI e XVII. A análise conjunta dos dados antropológicos e arqueológicos possibilitou compreender a organização deste espaço funerário e traçar o perfil da população da Vila Nova de Portimão na época moderna.

Abstract:

The population of Vila Nova de Portimão from the 16th to the 17th centuries: results of the archaeological intervention at the churchyard of Nossa Senhora da Conceição.

Following the collapse of one of the retaining walls of the churchyard of Portimão's Mother Church and the identification of osteological remains, archaeological works were carried out, including a diagnostic trench. The intervention aimed primarily to characterize the contexts associated with the human remains identified, in order to enable the reconstruction of the churchyard wall.

The results revealed part of the former cemetery associated with the Mother Church of Portimão, showing intensive use of the necropolis between the 16th and 17th centuries. The combined analysis of anthropological and archaeological data made it possible to understand the organisation of this burial space and to outline the profile of the modern-period population of Vila Nova de Portimão.

1. Enquadramento histórico

Considerando que os contextos observados se relacionam com a Igreja Matriz de Portimão torna-se pertinente proceder a um breve enquadramento histórico da própria Igreja e do seu espaço cemiterial. Esta abordagem contextual permite uma integração mais esclarecedora das realidades arqueológicas identificadas durante a intervenção.

1.1. A igreja da Nossa Senhora da Conceição da Vila Nova de Portimão

A edificação da Igreja da Nossa Senhora da Conceição, atual Igreja Matriz, data do século XV, mais concretamente a 1476, segundo um letreiro que estaria afixado no seu pórtico “Esta obra mandou fazer o senhor D. Gonçalo de Castelo Branco, em tempos d’El Rei D. Afonso V, ano de 1476, então se fez vila” (Inácio, 2017: 46; Ventura; Maia, 1993: 20). Localizada no ponto mais elevado do antigo núcleo urbano medieval, ergueu-se como um marco visual e simbólico, destacando-se como um dos principais locais de culto cristão da época.

¹ ERA-Arqueologia S.A.

² ICAREHB – Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano - Universidade do Algarve.

³ CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde - Universidade de Coimbra.

Remontando ao século XV, a sociedade portimonense apresentava um conjunto heterogéneo de comunidades: cristã, judaica e islâmica, que se envolviam ativamente na sociedade portimonense. No entanto, em 1497, D. Manuel I ordenou a conversão ao Cristianismo criando-se, deste modo, os denominados cristãos-novos (Inácio, 2017: 63). O início do século XVI é marcado por um crescimento significativo da comunidade católica na Vila, facto este associado tanto à conversão dos cristãos-novos nos finais do século anterior, como ao crescimento populacional que se registava, consequência também, da importância económica desta Vila (Carrapiço, Palhinha, Brázio, 1974: 12; Inácio, 2017: 67; Torres, Teixeira, 2024: 169). Este facto teria implicações nos espaços de culto da cidade, e consequentemente nos cemitérios a si associados.



Figura 1 – Construção da Igreja do Colégio observando-se no topo da encosta a Igreja de Nossa Senhora da Conceição no interior do núcleo urbano medieval (esboço de Júlio Amaro) Retirado de: Inácio, 2017a: 252.

Com o terramoto de 1755, a igreja sofreu severos danos, tendo o culto sido transferido para a Igreja do Corpo Santo. O culto retornou a este espaço após 1786, regressando também a utilização do seu espaço de sepultamento (Ventura, Marques, 1993: 24) (vide Figura 2 e Figura 3).

No decorrer século XVIII, com as preocupações sanitárias crescentes, foi travada uma verdadeira campanha contra os locais de inumação tradicionais, então efetuados nas igrejas, adros e seus claustros, existindo uma vivência de proximidade entre o culto dos vivos e o culto dos mortos. “Pessoa alguma existe, de qualquer sexo, classe, ou condição, que não faça a sua apreciação errónea, banal, ou justa, sobre essa morada dos mortos a que se dá o nome de cemitérios. As classes mais ignorantes, as que ocupam o ultimo degrau da sociedade, essas mesmo que nunca viram entrar na sua habitação nem ao menos um pallido reflexo de hygiene, levadas pelo egoismo da conservação e amedrontadas pelo que dos cemitérios uma vez ouviram dizer com exageração, ou illudidas pelas ideias supersticiosas que nutrem a respeito d’aquelles logares funebres, protestam inconscientemente contra os cemitérios, apontando-os como causa de doenças de toda a ordem e casta, como motores de epidemias as mais desoladoras e terríveis.” (Cruz, 1882: 41-42).

As novas concepções sobre a hygiene e saúde pública só surtiram efeitos em 1835 quando foi formalizada a criação de cemitérios municipais e, assim, determinada a construção de

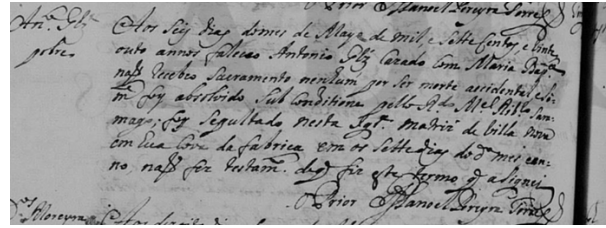


Figura 2 – Registos de enterramentos na Igreja Matriz em 1738 (Livro Registo de Óbito 1624-01-01 – 1791-12-31, Folha 3). <https://tombo.pt/f/p/m03#MIX> (consultado a 20/02/2026).

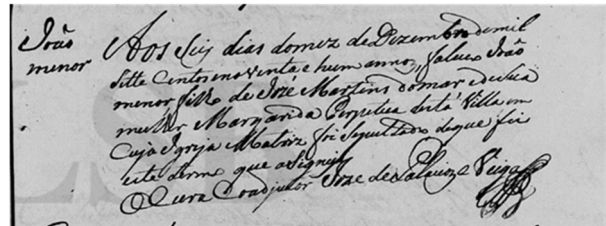


Figura 3 – Registos de enterramentos na Igreja Matriz em 1791, pós-terramoto de 1755 (Livro Registo de Óbito 1791-01-01 – 1816-12-31, Folha 3). <https://tombo.pt/f/p/m03#MIX> (consultado a 20/02/2026).

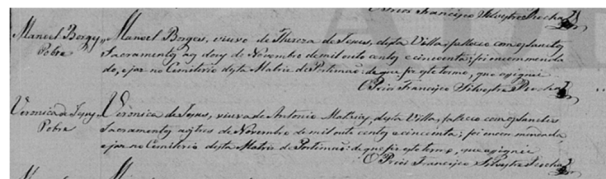


Figura 4 – Registos de enterramentos no Cemitério da Igreja Matriz de Portimão datado de 1850 (Livro de Óbitos 1850-01-01 – 1859-12-31, Folha 7) <https://tombo.pt/f/p/m03#MIX> (consultado a 20/02/2026).

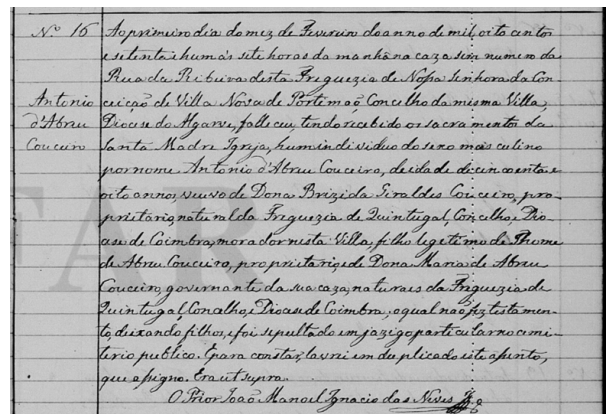


Figura 5 – Registo de enterramento no Cemitério público da Vila de Portimão datado de 1871 (Livro de Óbitos 1871-01-01 – 1871-12-31, Folha 6) <https://tombo.pt/f/p/m03#MIX> (consultado a 20/02/2026).

cemitérios fora dos limites das aglomerações humanas, proibindo-se definitivamente o sepultamento nas igrejas (Ferreira, 1996: 21). Contudo, esta não teve efeito imediato

nem uniforme em todo o país. Na Vila Nova de Portimão, terá levado até meados do século para ser efetivamente implementada, pelo que ainda se verificam sepultamentos no cemitério da Igreja Matriz e outras edificações de culto até cerca de 1854 (Figura 4 e Figura 5).

1.2. A localização do cemitério da Igreja Matriz de Portimão.

Pese embora, informação oral da população local e a própria cartografia histórica observada remetam a localização do cemitério associado à Igreja Matriz para o lado norte da mesma, os dados arqueológicos revelam a existência de um espaço cemiterial também do lado Sul da Igreja.

De facto, mapas da Vila Nova de Portimão do século XVIII e XIX representam a igreja Matriz e o cemitério a norte da mesma, estando de acordo com a sabedoria popular dos dias de hoje (Figura 6 e Figura 7). Contudo, tal não invalida a localização, em tempos mais antigos, de um cemitério a sul.

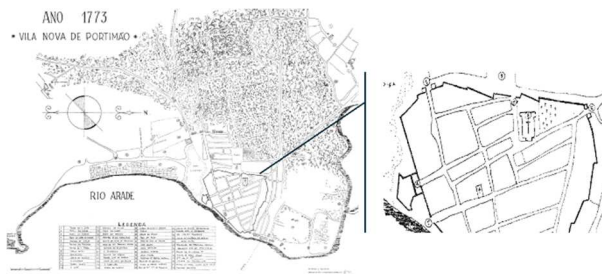


Figura 6 – Vila Nova de Portimão, ano de 1773, destacando-se a igreja de Nossa Senhora da Conceição e respetivo cemitério a norte. Adaptado de: Carrapiço, Palhinha, Brázio, 1974: 18).

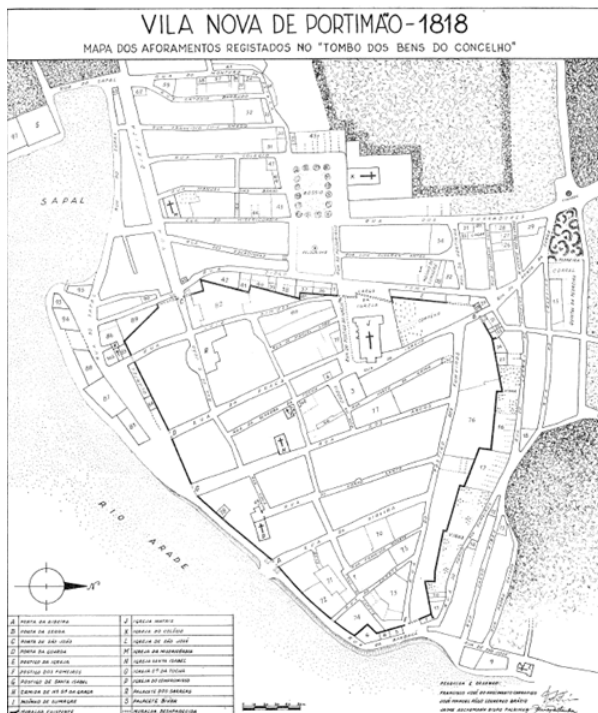


Figura 7 – Vila Nova de Portimão, ano de 1818, observa-se a igreja de Nossa Senhora da Conceição e respetivo cemitério a norte. Retirado de: Carrapico, Palhinha, Brázio, 1974: 7).

Uma representação da Vila Nova de Portimão de 1621 por Alexandre Massaii permite observar a Igreja Matriz e, a sul da mesma, uma área ainda descampada (Figura 8). Esta poderia corresponder à localização do antigo cemitério sendo, posteriormente e progressivamente alocado à área norte do edifício, por questões de espaço. A região sul seria também mais prestigiada tratando-se do local mais ensolarado e visível, contrariamente à porção norte, mais sombria e remetendo, no folclore, ao diabo (Pearson, 1999: 14).

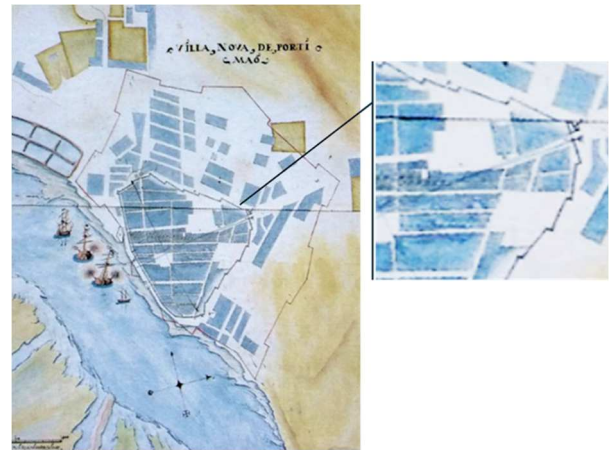


Figura 8 – Núcleo urbano da Vila Nova de Portimão, destacando-se a localização da Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Alexandre Massaii, 1621). Adaptado de: Inácio, 2017a: 240.

2. A intervenção arqueológica

Apesar de os trabalhos arqueológicos agora descritos estarem, como referido, associados ao colapso do muro sul do adro da Igreja Matriz, importa salientar que se inserem também num projeto mais amplo de requalificação urbana da envolvente à igreja — nomeadamente na candidatura da Câmara Municipal de Portimão ao Plano de Ação de Regeneração Urbana do CERSC Algarve 2020.).

Para além dos contextos associados à necrópole aqui analisados foi possível observar-se, no âmbito do acompanhamento arqueológico e das sondagens de diagnóstico, a presença de três silos de época moderna na zona envolvente da Igreja.

Concomitantemente, toda a zona envolvente à Igreja Matriz sofreu um rebaixamento da cota da estrada à volta do adro da Igreja em época contemporânea (Freitas, 2017), o que se associa diretamente à ausência de dados arqueológicos nas restantes áreas intervencionadas.

No presente documento serão abordados apenas os contextos associados à necrópole identificada na área da sondagem 10. A execução da sondagem 10 permitiu verificar uma ocupação contínua deste espaço entre os séculos XV / XVI e a atualidade. Os contextos mais antigos relacionam-se com a presença da necrópole da Igreja Matriz, sendo posteriormente afetados pelas diversas remodelações que o espaço foi sofrendo ao longo dos tempos.



Figura 9 – Mapa com a localização das diversas áreas intervencionadas, destacando-se a roxo a sondagem 10 onde se identificaram os contextos associados à necrópole.

2.1. A necrópole.

Os trabalhos desenvolvidos na sondagem 10 permitiram intervencionar 26 inumações primárias e a recuperação de diversos ossos dispersos, consequência da alteração e destruição deste espaço. A amostra populacional é constituída por 17 indivíduos não-adultos e 16 indivíduos adultos, com ambos os sexos representados. As idades à morte estimadas estão compreendidas entre os 6 meses \pm 3 meses e 40-44 anos, retratando uma população tendencialmente jovem (Maio, 2025, *in* Silva, 2025).

De ressaltar que a grande quantidade de enterramentos no espaço intervencionado, indicativo de uma intensa utilização do espaço cemiterial, condicionou o estabelecimento das relações de anterioridade e posterioridade uma vez que não eram visíveis as interfaces associadas ao momento de enterramento. Desta forma, a análise antropológica foi fundamental para permitir o estabelecimento de relações entre as diversas sepulturas, tendo sido possível através desta e da estratigrafia arqueológica estabelecer 7 níveis de utilização do espaço sepulcral.

As sepulturas, de inumação primária e cariz individual, eram fossas simples escavadas no substrato e plano tendencialmente subretangular. No que concerne à prática funerária, esta seguia os preceitos cristãos, com os indivíduos depositos, em solo sagrado, em decúbito dorsal e tendencialmente orientados em Oeste-Este (crânio-pés). Esta orientação permitiria aos indivíduos estarem de frente para o

altar e/ou na orientação da “cidade Celeste” para que aquando da ressurreição prosseguissem a “vida eterna”. Alguns indivíduos tinham a si associadas numismas, provavelmente relacionadas com a crença no purgatório. Podemos apenas destacar um indivíduo, presumivelmente do sexo masculino, cuja orientação de enterramento era contrária, Este-Oeste (crânio-pés). Esta variação pode estar associada a uma posição do clero, cujos indivíduos seriam inumados de modo a encararem os paroquianos quando estes se levantassem para os guiarem para a ressurreição (Ariés, 1987; 1989).



Figura 10 – (à esquerda) Plano onde é possível visualizar-se algumas sepulturas e uma grande quantidade de ossos humanos dispersos por cima associados à afetação do espaço sepulcral; (à direita) Plano onde é possível observar diversos momentos de enterramento.

No que concerne à cronologia da necrópole, pese embora, haja pouco espólio associado aos enterramentos, a identificação de alguns numismas, nomeadamente ceitis – cunhados desde os reinados de D. Afonso V (1432-1481) até ao reinado de Dom Sebastião (1557 – 1878) embora continuem em circulação até ao séc. XVII (Curado, 2019) – parece indicar que o nível mais antigo de necrópole (nível I) ao qual está associada à sepultura 19 (com um numisma do reinado de Dom Sebastião) se enquadra no séc. XVI. Desta forma, com as devidas ressalvas, visto que não se identificou mais espólio associado às sepulturas desta fase que permitam uma datação, é possível enquadrar este primeiro momento de enterramentos no séc. XVI.

Considerando a existência de ceitis associadas a algumas sepulturas e a presença de faiança do séc. XVII nos depósitos associados à destruição do espaço cemiterial, parece ser possível colocar, em termos cronológicos, este espaço de necrópole entre o séc. XVI e o XVII, isto é, numa fase inicial de utilização deste espaço como área de culto e sepultamento.

A própria estratigrafia demonstra a existência de uma interface de destruição da área de necrópole para o nivelamento do espaço e posterior colocação de um pavimento. Esta ação afetou as sepulturas existentes e

promoveu o arrastamento de alguns ossos. Tal facto é também comprovado pela presença de espólio como pregos, alfinetes e numismas – possivelmente associados a enterramentos – no referido depósito.



Figura 11 – Plano da sepultura 19 e dos ceitis a ele associados.

Não obstante a ausência de materiais arqueológicos que permitam uma datação direta desta intervenção, atendendo à provável cronologia da necrópole (séculos XVI–XVII) e ao carácter do depósito que recobre o referido pavimento — que aparenta corresponder a um aterro resultante de obras de grande porte, possivelmente relacionadas com o período pós-terramoto —, admite-se que o nivelamento do espaço e a colocação do pavimento decorreram entre finais do século XVII e o século XVIII.

Depois da colocação do nivelamento e do aterro ter-se-á construído um muro - constituído por pedra calcária de pequena e média dimensão, ligada por uma argamassa amarelada / esbranquiçada, pouco friável, com abundantes elementos não plásticos e nódulos de cal de pequena e média dimensão – interpretado como uma possível antiga delimitação do adro da Igreja. Estas realidades parecem integrar-se, cronologicamente, entre finais do séc. XVIII, inícios do séc. XIX.

As restantes fases associam-se às afetações deste espaço motivadas pelo rebaixamento da cota de estrada à volta do adro, pela construção do muro atual do adro e por um conjunto de alterações recentes, como buracos de árvores e infraestruturas elétricas.

A própria análise de fotografias antigas demonstra esta alteração do espaço do adro, visto que numa fotografia de 1922, é possível verificar que só existiriam 6 degraus de acesso ao adro da Igreja, sendo que atualmente existem mais.



Figura 12 – Vista de plano do muro na área de intervenção.



Figura 13 – Do lado esquerdo: Fotografia da Igreja Matriz de Portimão, da coleção João Tavares (1922). Centro de Documentação e Arquivo Histórico de Portimão. Do lado direito: Fotografia antiga da Igreja Matriz de Portimão com as árvores. Fonte:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2901

3. Considerações finais e linhas de investigação futura.

A execução destes trabalhos evidenciou a extensa ocupação deste espaço como necrópole, entre os séc. XVI / XVII, observando-se enterros que se sucedem e se cortam mutuamente. Para além da necrópole foi possível identificar diferentes fases de intervenção e sucessivas remodelações do espaço.

O objectivo deste artigo foi compreender a ocupação do espaço cemiterial e as suas diversas afetações. Os dados antropológicos recolhidos possibilitam igualmente fazer uma análise à população de Vila Nova de Portimão durante esta época.

Durante o período moderno, a Vila Nova de Portimão encontrava-se em constante desenvolvimento e detinha um papel social e económico de destaque na região algarvia. Este facto encontra-se relacionado com o aumento populacional sentido nesta vila a partir do séc. XVI (Torres, Teixeira, 2024:169) e conseqüentemente com uma maior utilização do espaço cemiterial visível através da constante afetação de enterramentos mais antigos por inumações mais recentes. Este aumento populacional, e conseqüente diminuição de área para sepultamento, poderá ter impulsionado uma mudança na localização do cemitério no século seguinte.

Associado a este florescer da vida económica de Portimão durante época moderna observou-se a chegada de populações escravizadas à vila, sobretudo nos séc. XV e XVI, para mão de obra (Fonseca, 2016: 59; Silva, 2021: 194). Segundo Joana Bento Torres e André Teixeira, este era "... o concelho do sul do país com maior percentagem de pessoas escravizadas..." (Torres, Teixeira, 2024: 170).

A relevância desta comunidade era notória, desempenhando inúmeras tarefas em espaço urbano e rural, podendo no século XVI ter correspondido a cerca de 15% da população (Fonseca, 2002: 20-26). A sua forte presença na sociedade moderna da época levou à criação, em 1679, de uma confraria de Nossa Senhora do Rosário, instituída na matriz da vila, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição: "É de supor que se tratasse de uma confraria de Pretos formada a partir de uma anterior confraria mista. E isso parece confirmar-se a partir de três escrituras de 1657 em que a Confraria de N^{ra}. S^{ra}. do Rosário já existia e intervinha na libertação de escravos, ainda que não comportasse a referência aos Pretos na sua designação" (Fonseca, 2016: 60). A partir de 1679 passam então a existir duas confrarias com a mesma evocação, nomeadamente "a dos homens brancos" e "a dos homens pretos" (Ventura, Marques, 1993: 22-24). "A existência da população cativa e a libertação de muitos dos seus elementos pelos donos levou ao surgimento de numerosos negros livres, alguns deles ativos na defesa dos seus interesses e do seu lugar nas comunidades em que viviam. Foram eles que, em muitos casos, tomaram a iniciativa da organização de irmandades e confrarias próprias de negros, em que os escravos eram também admitidos como confrades." (Fonseca, 2020: 42). Tal facto também é verificado noutras regiões algarvias como na cidade de Faro e Lagos.

Este facto é igualmente corroborado pelos registos arqueológicos da intervenção, que permitiram recuperar dentição com modificações dentárias intencionais. Segundo as tipologias de mutilação dentária estabelecidos por Romero (1970, apud Vukovic *et al.*, 2009) as alterações observadas incluem-se no tipo C, incidindo sobretudo sobre os incisivos e caninos (Figura 14). A mutilação dentária, prática difundida e associada a culturas, crenças e padrões estéticos, revela, na presente amostra, não só contactos e mobilidades humanas previamente documentados, como também a integração destes indivíduos na sociedade moderna, designadamente no espaço de culto da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Vila Nova de Portimão; em alguns casos, as características observadas são compatíveis com práticas documentadas de origem africana, sugerindo contactos atlânticos e fluxos de população entre África e a região.



Figura 14 – Incisivos e canino com modificações dentárias intencionais, FDI 11, 12, 21 e 33, recuperados na intervenção do adro da Igreja Matriz de Portimão.



Figura 15 – (à esquerda) Representação da Nossa Senhora dos Pretos, na Igreja de S. Pedro, em Faro; (à direita) Lampadários da capela de Nossa Senhora do Rosário na Sé de Faro.

Importa ainda referir a identificação de 45 indivíduos durante a intervenção arqueológica num edifício em gaveto entre a Rua Manuel Lobo, Rua do Bispo Dom F. Coutinho e Rua 5 de Outubro. Embora estes enterramentos tenham sido associados ao primeiro edifício da Misericórdia (Freitas, 2023 apud Silva, 2020) — existindo referências que localizam a instituição nessa área (Freitas, 2023 apud Carrapiço; Palhinha, 1962) — não é descartável, atendendo à proximidade espacial dos contextos, que ambas as evidências pertençam ao mesmo espaço necropolítico. Todavia, só a análise integrada e comparativa dos contextos permitirá confirmar ou afastar essa hipótese.

Desta forma, a execução de uma análise antropológica e arqueológica integrada dos contextos da intervenção no adro da Igreja Matriz e dos associados à escavação realizada no edifício em em gaveto entre a Rua Manuel Lobo, R. do Bispo Dom F. Coutinho e R. 5 de Outubro permitiria compreender melhor as realidades aqui descritas e um conhecimento mais aprofundado do que seria a população de Vila Nova de Portimão em meados do séc. XVI / XVII.

Referências bibliográficas

- ARIÉS, P. (1989) – *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Editorial Teorema.
- ARIÉS, P. (1987) - *O Homem perante a Morte*. Lisboa. Publicacoes Europa-America. vol. 1.
- CARRAPIÇO, F. J.; PALHINHA, J. A.; BRÁZIO, J. M. (1974) – *As muralhas de Portimão*. Câmara Municipal de Portimão.
- CRUZ, M. P. (1882) – *Cemitérios. Dissertação Inaugural*. Escola Medico-cirurgica do Porto. Porto. Typographia Occidental.
- CURADO, T. (2019) – O Ceitel. Um símbolo da modernidade portuguesa e a sua evolução estética (1440 – 1570). *Doc. Instrum.* 17. Universidad Complutense de Madrid.
- FERREIRA, M. F. S. M. (1996) – A luta contra os cemitérios públicos no século XIX. *Ler História*. 30: 19-35.
- FONSECA, J. (2002) – *Escravos no sul de Portugal: séculos XVI-XVII*. Lisboa. Vulgata.
- FONSECA, J. (2016) – *Religião e Liberdade: Os negros das Irmandades e confrarias portuguesas (séculos XV a XIX)*. V. N. Famalicão. Edições Húmus, Lda.
- FONSECA, J. (2020) – A Confraria do Rosário de Óbidos no século XVI: piedade, convívio e solidariedade da comunidade negra). *Lusitania Sacra*. 41 (janeiro-junho): 41-60.
- FREITAS, V. (2017) – *Intervenção Arqueológica da Casa da N.ª Sr.ª da Conceição 2015-2016. Gaveto da R. do Bispo D. F. Coutinho, R. Dr. Ernesto Cabrita e R. Manuel Lobo. Portimão*. Relatório Final. Museu de Portimão/CMP.
- FREITAS, V. (2023) - *Requalificação da Zona Envolvente da Igreja Matriz*. Caderno de Encargos de Arqueologia. Portimão.
- INÁCIO, N. C. (2017) - *Igreja Matriz de Portimão-550 anos de história (1467-2017)*. Albufeira. Editora Arandis.
- INÁCIO, N. C. (2017a) – *História do Condado de Vila Nova de Portimão (1465-1698)*. Loulé. Gráfica Comercial.
- LEONARDO, F. J. M. (2011) - *Desenvolvimento Urbano de Portimão: A importância da Muralha Quatrocentista para a malha urbana da Cidade*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes. Portimão.
- MAGALHÃES, N. (2008) – *Algarve, Castelos, Cercas e Fortalezas*. Letras Várias. Porto.
- SILVA, G. M. (2021) – *As portas do mar oceano: vilas e cidades portuárias algarvias na Idade Média (1249-1521)*. Tese de doutoramento em História, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
- SILVA, A. R. (2025) – *Relatório Final dos trabalhos arqueológicos: Requalificação da Zona Envolvente da Igreja Matriz de Portimão*. ERA Arqueologia, Cruz Quebrada.
- TORRES, J.B.; TEIXEIRA, A. (2024) – A vida quotidiana em Portimão nos séculos XV – XVIII. *Histórias que o Rio nos Traz*. Catálogo da Exposição. Museu de Portimão. Câmara Municipal de Portimão
- VENTURA, M. G. M.; MARQUES, M. G. M. (1993) – *Portimão*. Oerias. Editorial Presença.
- VIEIRA, P. e J. G. (1996) – *Memória Monográfica de Portimão. Edição fac-similada do original de 1911 “Memória Monographica da Villa de Portimão”*. Portimão. Junta de Freguesia de Portimão.
- VUKOVIC, A.; BAJSMAN, A.; ZUKIC, S.; SECIC, S. (2009) – Cosmetic dentistry in ancient times- a short review. *Bulletin of the International association for paleodontology*. 3(2): 9-13.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Série Perdigões Monográfica (2018 – 2026)



Série ERA Monográfica (2013 – 2025)

Publicação de workshops

